

# DA UNIVERSALIDADE DOS MITOS: UMA LEITURA DE AS PELEJAS DE OJUARA

**Autor (a):** Anacyara Celly da Silva  
**Prof. Orientador:** Dr<sup>a</sup> Conceição Flores  
Curso de Letras – UnP

## Resumo

Este trabalho visa fazer uma leitura mitológica em *As Pelejas de Ojuara*, obra de Nei Leandro de Castro, autor norte-rio-grandense, que reúne humor, erotismo, regionalismo e relatos de fatos fantásticos, combinando crenças e mitos populares. O autor mescla fatos históricos com lendários, fazendo com que o leitor oscile entre o real e o imaginário. Procuramos entender o conceito de mito, pois segundo Mircea Eliade o significado dessa palavra tem se modificado ao longo dos séculos, chegando a ser empregada no sentido de ficção ou ilusão. O mito nos oferece meios de entender o mundo através de símbolos e, segundo Mielietinski (1987), o seu ponto fundamental é a redução das essências das coisas à sua origem, e tem como principal objetivo explicar a origem das coisas e possibilitar ao homem a compreensão dos mistérios da vida e os segredos da natureza. Nesse sentido o mito torna-se aliado do homem por responder a seus questionamentos enigmáticos do “como” e do “porquê”, trazendo-lhe conhecimento e sabedoria através de seus relatos. Já Jabouille (1993) advoga que o mito é passível de construção e de atualização, ou seja, pode ser revestido apresentando nova forma e novo sentido. É isso que Nei Leandro faz quando apresenta mitos clássicos e lhes dá novas roupagens. Na mitologia as transformações na vida do homem se realizam por meio de ritos de passagens, o mais importante e prototípico deles é a iniciação. O personagem principal por esse ritual, José Araújo está entediado da vida monótona e do papel servil que desempenha para sua mulher e o sogro. Ele se revolta contra os males que essa vida lhe oferece e faz nascer Ojuara, um homem valente e destemido, capaz de desafiar o próprio Diabo. Para passar por essa iniciação, o personagem obedece a alguns critérios. Um deles, e talvez o mais importante, é a morte provisória simbólica, a parte mais importante do rito de iniciação. A leitura de *As Pelejas de Ojuara* e o estudo dos mitos permitem-nos afirmar que a literatura atualiza os mitos, além de nos fazer refletir sobre a circulação e a força dos mesmos, pois ultrapassam fronteiras lingüísticas e geográficas permanecendo e alimentando o imaginário popular.

## Introdução

Este trabalho apresenta uma leitura sobre alguns dos mitos presentes em *As Pelejas de Ojuara*, obra de Nei Leandro de Castro, considerado um dos mais importantes escritores vivos do Rio Grande do Norte, autor de poesias, romances e

críticas literárias. Natural de Caicó (1940), mudou-se para Natal ainda criança e, em 1965, formou-se pela Faculdade de Direito de Natal. Exerceu a docência de Língua Portuguesa e Literatura no Atheneu e de Redação na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza.

Desde jovem participou de atividades culturais, integrando grupos literários estudantis, e colaborando em publicações de Natal. Recebeu, aos 19 anos, um prêmio nacional de poesia, atribuído pelo jornal *O Globo*, fato que lhe deu notoriedade na cidade. Estreou na poesia em 1961, com *O pastor e a flauta*, ao qual se seguiu, em 1963, *Voz geral*, obra que reflete as preocupações sociais pelas quais o país passava e que contribuiu para a sua prisão em junho de 1964.

Nei Leandro mudou-se para o Rio de Janeiro em 1968 e deu um novo rumo à sua vida. Em seguida, viajou para Lisboa onde fez importantes contatos com militantes de esquerda e artistas de vanguarda. Em 1969, de volta ao Brasil, passou a dedicar-se à publicidade, tendo também se destacado como jornalista nos suplementos literários do *Jornal do Brasil* e de *O Globo*. Com o pseudônimo de Neil de Castro, assinou três de suas obras e colaborou em *O Pasquim*. Participou ativamente da produção do Poema-Processo, movimento artístico desenvolvido no período de 1967 a 1972, ocorrido simultaneamente no Rio de Janeiro e em Natal. É autor de dez livros de poesias e três romances.

Em 1986, publicou *As pelejas de Ojuara*, romance que tem o subtítulo “A história verdadeira do homem que virou bicho”. A obra recebeu, em 1987, o Prêmio da União Brasileira de Escritores e foi reeditado cinco vezes, a última em 2006. No ano seguinte, foi adaptado e ganhou as telas do cinema nacional sob a direção de Moacyr Góes.

O romance narra a história de Zé Araújo que, por estar entediado da vida monótona e do papel serviçal que desempenhava para a mulher e o sogro, se revolta contra os males da vida que leva e faz nascer Ojuara, valente e destemido, um homem capaz de desafiar o próprio Diabo. Trata-se de um romance que reúne humor, erotismo, regionalismo e relatos de fatos fantásticos, combinando crenças e mitos populares. O autor mescla fatos históricos com lendários, fazendo com que o leitor oscile entre o real e o imaginário, o que resulta numa narrativa repleta de significações simbólicas.

Bakhtin considera que o personagem do romance não “deve ser heróico, nem no sentido épico, nem no sentido trágico da palavra: ele deve reunir em si tanto os traços positivos, quanto os negativos, tanto os inferiores, quanto os elevados, tanto os cômicos como os sérios” (1993, p. 402). Ojuara, o novo homem, que surge com a morte de Zé Araújo, é a paródia, o inverso do anterior, como o próprio nome atesta - Ojuara é anagrama de Araújo. Ele não é exatamente um herói, apresenta características positivas e negativas, traços sérios e traços cômicos e está sempre em evolução. As suas aventuras são repletas de intertextos consagrados que se apresentam parodiados, rebaixados e, dentre eles, citamos os mitos.

O nosso objetivo é analisar algumas das representações míticas presentes nesta obra, porém antes de entrar nesse assunto é importante entender o conceito de mito. Segundo Mielietinski (1987), o ponto fundamental do mito é a redução da essência das coisas à sua origem, pois o mito tem como principal objetivo explicar a origem das coisas e possibilitar ao homem a compreensão dos mistérios da vida e dos segredos da natureza. Nesse sentido o mito torna-se aliado do homem para responder a

seus questionamentos enigmáticos do “como” e do “porquê”, trazendo-lhe conhecimento e sabedoria através de seus relatos. O mito não está preso no tempo histórico, mas está relacionado aos acontecimentos do passado e do futuro.

Este romance é constituído pela polifonia, uma vez que há uma pluralidade de vozes que interagem num diálogo inacabado; e pelo dialogismo, pois é possível perceber a junção de vários discursos nessa obra, discurso literário, mítico, cultural, religioso. Podemos também caracterizá-la como uma literatura carnalizada, pois possui uma linguagem carregada de símbolos e alegorias, na qual o riso é usado em oposição à seriedade. De acordo com Bakhtin (1993), a principal característica da carnalização é a presença do cômico que causa a subversão da ordem através da sátira da realidade. Uma obra carnalizada é aquela que quebra totalmente os tabus, libera os instintos e os desejos escondidos que são censurados pela sociedade. O aspecto carnavalesco na literatura está marcado pela presença do grotesco, do obsceno e da profanação.

## O que é mito

Segundo Levi-Strauss, “os mitos não têm autor: do momento em que são apreendidos como mitos e independentemente de sua origem real, eles só existem encarnados numa tradição” (*apud* BRUNEL, 2005, p. XVII). E de acordo com a etimologia mito significa “palavra, narrativa transmitida” (*idem*), assim o texto literário serve para o mito como campo em que são concretizadas suas criações, transformações e atualizações. O significado dessa palavra tem se modificado ao longo dos séculos, chegando a ser empregada no sentido de ficção ou ilusão. Dessa forma os mitos não devem ser entendidos como simples histórias, pois eles estão sempre inseridos num contexto social, e trazem sempre uma lição ética ou moral em suas entrelinhas. Neles se fala de seres superiores, das relações sociais entre os homens e se dão explicações para os acontecimentos naturais. Nei Leandro de Castro destrói as imagens tradicionais e reconstrói os mitos em torno do cotidiano.

A narrativa mítica possui uma organização estética constituída de uma seqüência interna, é um saber que tem a função explicativa, organizacional, por isso o mito serve como um argumento, dando segurança e poder ao discurso. A junção de vários mitos que se perpetuam num determinado grupo torna-se indissociável da história daquela sociedade. No momento em que a narrativa mitológica explica a origem e as relações da sociedade ela também auxilia na construção de seus valores morais.

A estrutura narrativa do mito é constituída por uma seqüência lógica, possui uma carga poética, pois conta a história das origens, resgata um tempo imemorial, que se perpetua e é atualizado pela palavra. Por isso o tempo mítico é um tempo circular.

De acordo com Machado e Pageaux (1988) podemos entender o mito a partir de quatro definições básicas: o mito como narrativa, pois no que diz respeito a organização estética o mito é formado por uma seqüência de fatos; o mito como saber, este saber se manifesta através da nomeação, explicação e hierarquização das coisas por meio do mito, que é em sua essência uma história explicativa; o mito como História, pois a narrativa mítica pode ser confundida com a própria história de um povo; o mito

como um valor ético, nesse sentido o mito funciona como o sistema de valores de uma determinada sociedade.

## **O papel do mito na sociedade**

Os mitos dominam a vida cultural das sociedades arcaicas e antigas. Ele sempre é uma narrativa que explica as relações estabelecidas entre o homem e o mundo, e entre os homens, demonstrando dessa forma como se dá a formação de uma sociedade. Sua formulação dá sentido às relações interindividuais e torna o mundo inteligível. A mitologia serviu como base para o desenvolvimento filosófico, literário e religioso das civilizações antigas.

A sociedade faz do mito sua linguagem e sua forma de expressão e de manifestação. O mito projeta simbolicamente os sentimentos de um grupo. Através dele busca-se compreender no texto literário seu alcance social e moral. Ainda de acordo com Machado e Pageaux para o mito surgir em uma sociedade devem existir condições históricas, sociais e culturais favoráveis, e ele deve desempenhar uma função específica:

O mito é, de certo modo, inseparável de uma situação de frustração fundamental, real ou sentida como real, sublinhe-se. Dado que o mito exprime uma situação existencial, comum a um grupo, como dissemos, ele só pode ser “verdadeiro”. Deparamos aqui com a questão de saber como e por que razão ela se formou e não de saber se ela é mais ou menos falsa. Consequentemente, na origem de todo o mito das nossas sociedades está uma situação de *manque*; é o que poderia corresponder, nas sociedades sem escrita e sem história, à “violência fundadora”. Para preencher este *manque*, este vazio, a sociedade constrói e desenvolve o mito: um cenário mítico que vai dar sentido ao mundo, que vai recriar a vida do grupo, que vai dar coerência ao grupo. (1988, p. 128)

Embora a ocorrência do mito se dê numa dimensão coletiva o escritor pode, apropriando-se da história coletiva, modificar o mito e lhe dar caráter pessoal. Alguns mitos clássicos são mais apropriados à recriação literária do que outros, isso, devido às circunstâncias históricas e culturais. Nas recriações o mito toma, muitas vezes, o papel secundário. No campo textual o mito dá coerência ao texto, e é um elemento muito importante na organização do texto literário.

## **O mito e a Literatura**

Segundo Jabouille (1993), devido às modificações sofridas ao longo dos séculos, a sociedade perdeu o prazer de convívio coletivo de comunicação, a transmissão do saber tradicional pela palavra oral, substituindo essa transmissão por imagens, o que bloqueia a ação inventiva do homem, ocorrendo uma “gradual ‘desumanização’ cultural”. O homem precisa materializar suas emoções e para isso faz uso de diversas formas de expressão artística. Segundo Machado e Pageaux (1988), a reflexão sobre a presença do mito na literatura pode ser considerada um fenômeno literário em si.

A literatura romana tem no mito um veículo da história. Os mitos antigos chegam aos dias atuais através das materializações artísticas ou através da memória coletiva. Victor Jabouille advoga que “O mito transmite-se através de dois grandes meios: a palavra e a forma plástica.” (1993, p. 16) e que “o mito é anterior à literatura, mas é indissociável dela” (*ibidem*, p.18). O maior meio de propagação do mito de forma materializado é a literatura. A narrativa com características mitológicas é um modo de expressão popular. A versão literária do mito não é o mito, este é a estrutura profunda e universal que suporta esta narrativa.

Ao utilizar a temática mitológica, a literatura concretiza, desde a Antiguidade, a fusão dos dois elementos que a caracterizam exteriormente: o aspecto lúdico e o educativo, ou, recorrendo aos vocábulos gregos, a *mousike* e a *Paidéia* [...]. A exploração literária de um mito ou de uma personagem mítica vai possibilitar uma evolução geral. [...] O mito é, de facto, o reflexo da cada época e, desse modo, afirma-se em contínua actualização. (JABOUILLE, 1993, p. 23).

Os textos literários são as principais fontes de atualização dos mitos, pois é através desses textos que os mitos ganham nova roupagem e são revividos por meio das recriações que sofrem. Jabouille também afirma que já não são mais criados novos mitos, que são os antigos que são resgatados e reanimados. A literatura serve para o mito como campo para que sejam concretizadas suas criações, transformações e atualizações.

Para que uma narrativa (não clássica) seja incluída numa definição ampla de mito deve-se levar em consideração o grau de aceitação e de integração no imaginário coletivo. As personagens e os temas míticos podem ser relacionados de forma séria, irônico ou satírico, acentuando determinados elementos simbólicos que remetem à matriz trágica. O mito quando atualizado pela literatura mantém sua estrutura profunda.

### **A reprodução dos mitos em *As pelejas de Ojuara***

*As pelejas de Ojuara* narra a história de Zé Araújo, homem que levava uma vida de submissão, pois vivia sob o domínio de Duá, sua esposa, e de seu sogro, o turco dono do armazém onde trabalhava. Devido às humilhações que suportava passou a ser

motivo de chacota do povo, mas após sete anos quatro meses e nove dias de casamento, Zé Araújo indignado com sua vida resolve dar um basta nessa situação. Este é um ponto muito importante para o desenrolar da história, porque é neste momento que nos deparamos com a transformação de Zé Araújo no audacioso Ojuara (anagrama de Araújo). Zé Araújo, em sua primeira atitude de coragem diante de seu sogro, antes tão temido, anuncia a sua morte e o nascimento de Ojuara: “Hoje, Turco felá de uma puta, morreu o seu genro de merda chamado José Araújo Filho. Nasceu o caboclo Ojuara, que não tem medo de cara feia, nem de assombração.”( CASTRO, 2006, p. 44).

Um ponto importante a ser considerado é que esta mutação ocorreu no mês de agosto, que é um mês repleto de significações lendárias, conhecido popularmente como “o mês do desgosto” ou “o mês que o diabo anda solto”. Os romanos deram ao oitavo mês do ano o nome de agosto, em homenagem ao Imperador Augusto, e este foi um dos mais sanguinários imperadores de toda a história. Foi, nesse mês, cercado de lendas e superstições desde a antiguidade, que Zé Araújo sumiu dando lugar ao destemido Ojuara.

Na mitologia, as transformações na vida do homem se realizam por meio de ritos de passagem, o mais prototípico deles é o ritual de iniciação. Esse ritual de passagem não se dá de qualquer maneira; para que ele seja concretizado o herói mítico deve atender alguns aspectos, vejamos:

Essa passagem compreende provas físicas de resistência, uma dolorosa operação iniciatória e o domínio dos fundamentos da sabedoria do clã sob forma dos mitos encenados diante dos iniciados. A iniciação compreende ainda a morte provisória simbólica e o contato com os espíritos, que abre caminho para a revivificação ou, mais precisamente, um novo nascimento em nova qualidade. [...] Assim, a iniciação e a passagem de um estado para o outro se apresentam como liquidação do antigo estado e como novo começo, como morte e novo nascimento que seria impreciso considerar “ressurreição”. (MIELIESTINSKI, 1987, p. 265).

Nei Leandro reatuliza esse rito de passagem de forma paródica. Ojuara inicialmente sofre uma mudança física, criando aspecto de um homem mais forte “tinha crescido mais de um palmo. Seus ombros também estavam mais largos e no rosto tinha desaparecido completamente aquele jeito de marido mandado” (CASTRO, 2006, p. 49-50). A partir dessa mudança todos passaram a olhar Ojuara com respeito, e até a natureza, através de seus fenômenos, saudou o nascimento daquele novo homem.

A confirmação da liquidação do antigo estado e do novo começo veio com a busca por parte de Ojuara do atestado de óbito de José Araújo: “ – José Araújo Filho morreu, dr. Neto. Eu nem precisava ligar mais pra ele, porque ele é finado. Mas eu quero sair deixando tudo limpo. Quero o atestado de óbito dele” (*ibidem*, p. 50). Em seguida ocorre o “novo nascimento”, aspecto fundamental para a efetivação do ritual de iniciação: o caboclo vai até o cartório e oficializa o nascimento com o nome de Ojuara Abaporojuciba, (guerreiro, matador). A partir de então começa sua grande saga, dando início às suas pelepas.

O conceito de morte simbólica e de novo nascimento é concretizado aqui de forma cômica. Para que uma narrativa (não clássica) seja incluída numa definição ampla de mito deve-se levar em consideração o grau de aceitação e de integração no imaginário coletivo. As personagens e os temas míticos podem ser relacionados de forma séria, irônica ou satírica, acentuando determinados elementos simbólicos que remetem à matriz trágica. O mito quando atualizado pela literatura mantém sua estrutura profunda.

Ao longo de sua trajetória em suas “pelejas” Ojuara faz uso de cavalos que são sempre seus fiéis escudeiros. Possuiu sete cavalos, todos batizados com nomes gloriosos, que remetem a grandes feitos ou à mitologia. Os de maior destaque são: Bucéfalo, que era o nome do cavalo de Alexandre Magno, *o Grande*; Péguassu, sua figura faz referência a mitologia grega, presente no mito de Perseu e Medusa e é símbolo da imortalidade. Era um cavalo alado, nascido do sangue de Medusa, quando foi assassinada por Perseu. Além deste também teve Brilho-de-Ouro, Baiarte, Orélia, Peritoa e Bootes. Todos esses nomes de cavalos são citados por Miguel de Cervantes em *Dom Quixote de La Mancha*.

O clássico mito de Édipo, dramatizado por Sófocles, é parodiado. Chico Rabelê<sup>1</sup>, um grande contador de histórias, contou-lhe a história de Pantanha, que em criança fora abandonado e cresceu “ao deus-dará” (*ibidem*, p. 83). Já “homem feito” matara um veranista num lugar chamado Baixa da Égua; depois entrou na cidade e se encantou por uma mulher, com a qual findou casando e tendo duas filhas. Após certo período acabou por descobrir que aquela mulher era sua mãe e o homem que havia matado, seu pai. Como se pode observar, a estrutura do mito foi mantida, porém este mito nos é apresentado com uma nova roupagem.

O narrador conta que:

Ninguém sabe como, só se sabe que o desinfeliz tanto cascaviou que um dia findou descobrindo que era irmão das suas duas filhas e marido da própria mãe. E o veranista que ele matara na briga da beira da praia era o seu pai.

Antes de arrancar os próprios olhos e correr doido, Pantanha se lembrou do cigano cego e amaldiçoou a sua raça por todas as gerações. Mãe de Pantanha não morreu: ficou para semente. (*ibidem*, p. 89).

Outro mito que permeia a obra de Nei Leandro é a história da vagina dentada da Mãe de Pantanha que pode ser associada ao mito da vagina dentada que surgiu entre os maoris. Essa narração afirma que Mauí, semideus, almejando a imortalidade procurou a deusa dos mortos para tentar entrar no corpo dela, para sugar seu coração, através de sua vagina. Quando Mauí passava a cabeça pelo órgão genital da deusa ela foi despertada e o estrangulou com sua vagina. Em algumas narrativas míticas a vagina é associada à morte e adquire o sentido de destruidora. A compreensão dessa narrativa exemplifica as questões que afligem a sociedade, como a opressão da sexualidade

---

<sup>1</sup> Chico Rabelê é a inversão paródica de François Rabelais, escritor francês do século XVI.

feminina. Muitas lendas giram em torno da sexualidade masculina, sendo sua genitália um símbolo de poder, demonstrando uma superioridade de gênero na sociedade.

Em *As Pelejas de Ojuara* esse mito é percebido através da história da Mãe de Pantanha, uma mulher que, segundo os três velhos videntes (Chico Rabelê, Miguel de Sá e Pedro Bala):

[...] tem uma xiranha de velha que vai querer lhe comer. Tem dente que nem piranha, come rola, arrotta alho. [...] Essa xiranha dentada só morde na escuridão. [...] Você pode derrotar o xibiu com dentadura. Em vez de pau, use o quengo. Se possível, rapadura. (*ibidem*, p. 75 )

A diferença entre o mito citado e a história descrita na obra é que nesta Ojuara não sente medo, pelo contrário, diz que aceita qualquer jogo que seja imposto por ela, mesmo que seja no escuro. Diante dessa atitude ele evidencia o poder de sua masculinidade. Assim, a mulher não fica no poder, pois Ojuara consegue, lembrando de cada dica recebida, vencê-la.

O final dessa saga é marcado pelo misticismo, no qual podemos constatar mais uma construção mitológica. Ojuara resolve enfrentar o exu, Anhangá. Nesta última peleja ele se transforma em um bicho. Mieliestinski (1987) afirma que em alguns casos de mitos com características zooantropomórficas, estes terminam pela transformação do herói em um animal. Neste caso Ojuara se transformou em uma aranha. Segundo o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant, as aranhas possuem qualidades de criaturas intermediárias: “Todas essas qualidades de demiurgo, de pressagiadora, de condutora de almas e, portanto, de intercessora entre os mundos das duas realidades – humana e divina - fazem com que a aranha simbolize também um grau superior de iniciação” (1982, p. 72). Dessa forma podemos perceber que esse final, ao contrário do que muitos críticos literários afirmam, é bastante grandioso. Vemos o herói, que durante toda saga oscila entre as duas realidades (humana e divina), concretizar sua mutação, e alcançar um grau superior de iniciação transformando-se em aranha. A escolha desse animal é bastante pertinente, pois carrega em si um grande significado simbólico de mediadora entre o humano e o divino.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: UNESP, 1993.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CASTRO, Nei Leandro de. *As Pelejas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo*. 5 ed. São Paulo: Arx, 2006.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. vera da Costa e Silva, raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

DUARTE, Constância Lima. MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. *Literatura do Rio Grande do Norte: antologia*. 2 ed. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Fundação José Augusto, Secretaria do Estado de Tributação, 2001.

JABOUILLE, Victor *et alii*. *Mito e literatura*. Portugal: Inquérito, 1993.

MACHADO, Álvaro Manuel. PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MIELIETINSKI, E.M. *A poética do mito*. Rio de Janeiro: Forense, 1987.